

A R E G E N E R A Ç Ã O

Semanário regionalista e cultural

AVENÇA

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Abono de Família

O recente decreto sobre o abono de família é o primeiro passo dado neste sentido, e daí, o seu alto significado e grande interesse.

A pesar de, por ora, não se atender aos funcionários públicos e administrativos, trabalhadores rurais e trabalhadores domiciliários — é ainda o primeiro passo — centenas de milhares de pessoas virão a beneficiar com o que se estatui.

Não se trata de mero subsídio, concedido a título de medida de assistência para obviar a efeitos passageiros duma crise, nem tão pouco de simples instrumento de política demográfica, que vise pôr cõbro a uma diminuição da natalidade; o seu sentido é mais profundo. Trata-se na realidade dum direito da própria família, que lhe é conferido na pessoa do seu chefe.

O diploma, considera chefe de família, para efeito do abono não só o trabalhador casado, com filhos, mas ainda os dois sexos solteiros, vivos, divorciados ou separados judicialmente e a mulher casada cujo marido se encontre inválido, forçadamente desempregado ou legalmente impedido de prover ao sustento da família.

Os trabalhadores brasileiros e espanhóis e os súditos de outros países que concedam aos portugueses reciprocidade de direitos, que residam em Portugal, são equiparados aos nacionais.

Conta para a concessão do abono, não só os filhos legítimos ou perfilhados de qualquer dos conjuges, menores de 14 anos—18 anos, sendo estudantes—, mas também os netos, até à mesma idade quando tenha falecido a pessoa a quem incumbia legalmente o seu sustento, e os ascendentes que com eles vivam em comunhão de mesa e habitação. O abono é distribuído por meio de Caixas dotadas de personalidade jurídica e criadas a requerimento dos interessados ou dos organismos corporativos ou por iniciativa do I. N. T. P..

São obrigatoriamente sócios das Caixas os trabalhadores e as empresas, contribuindo estas proporcionalmente ao montante dos salários pagos e ao número de empregados. Este sistema impede que possam ser preferidos os trabalhadores que não tenham direito ao abono.

Um sistema de compensação aplanar as diferenças de contribuição das empresas, necessariamente muito variáveis, permitida ao mesmo tempo uma maior justiça na distribuição dos abonos.

Fecha o sistema o Fundo Nacional do Abono de Família destinado a assegurar a compensação entre as receitas e despesas das Caixas.

O AMOR PELA HUMANIDADE

Nada mais vago do que esta expressão. Não que seja difícil definir o amor pela humanidade, mas a sua amplidão sobrepõe tódas as considerações possíveis sobre o tema, um tema simultaneamente grandioso e banal, grande pelos emprehendimentos idealistas e sociais que origina e vulgar pela sua fácil evocação em bocas sem o direito moral de a êle se referirem, e que, por motivo desta mesma divergência, se presta às maiores heroicidades e às maiores especulações; por isso, sempre que se queira empregá-lo sem o receio de cair na banalidade das coisas deditas mas por fazer, é preferível ter dado antes provas bastantes e repetidas de isenção e sinceridade.

O amor pela humanidade não repousa apenas numa concepção social ou política. Sõmente uma pequena minoria consegue, pela sua acção pessoal, colocar-se em situação de comandar a marcha da humanidade para uma nova terra da promessa, — ou, pelo menos, indicá-la e coordená-la. Os que se acham impossibilitados de o realizarem, mesmo quando o desejam — a grande e heroica massa dos ignorados que, em tódas as partes do mundo, de norte a sul e de leste a oeste, ao sol e a chuva, na solidão dos gabinetes ou na atmosfera pesada das fábricas, a cabeça pendente sobre traçados e planos ou as costas curvadas na violência do esforço físico, concorrem para a tarefa comum — nem por êsse facto abandonam a partida: é sempre possível participar do grande movimento de valorização social, desde que se concorra de boa vontade com o esforço individual e incógnito para um passo em frente. Um passo em frente! — eis o nosso lema.

Encaremos o assunto sob o ponto de vista partidarista:

Perante a necessidade imanente do progresso, e enquanto não houver oportunidade para mais, todos os pontos de vista se devem nivelar quando alguém pretende avançar para a frente da rotina, da superstição, do atraso das massas populares. O nosso desejo pode ultrapassar muito ou mesmo colidir com o que se faz em determinado momento; mas nem por isso, na impossibilidade da realização plena do que pensamos, devemos contrariar as obras úteis para a comunidade, sejam de quem forem, venham donde vierem. E isto porque o amor pela humanidade não se harmoniza com a exteriorização banal daquilo que desejamos, mas sim com as possibilidades futuras provenientes da utilização de todos os esforços para diante.

Não interessa, do mesmo modo, o fim que preside à realização dessas obras. Seja a intenção sincera ou o falar no progresso não reflita mais do que um interesse egoísta, a nossa atitude deve ser a mesma, desde que reconheçamos a sua oportunidade: uma atitude de ajuda construtiva.

Todos quantos trabalham de boa vontade numa obra útil devem ser auxiliados, pois os planos construtivos poderão ser sempre apresentados ou adaptados pelos vindouros. E o homem de hoje não é mais do que um arquiteto que constrói um degrau onde a humanidade futura se possa erguer acima de nós, liberta e feliz, sem as tristezas que nos fazem sofrer a todo o instante.

João Tendeiro



HOMEM é livre na medida em que vai deixando de ser escravo das condições do meio.—
André Ribard.

Figueiró Histórico

Devido à ausência do nosso colaborador sr. Mário Alves, fomos obrigados a interromper momentaneamente esta interessante secção.

O conhecimento de Figueiró Antigo, com as suas lendas e tradições, presta-se a considerações históricas de ordem local, principalmente pelo contraste com os actuais melhoramentos levados a efeito e com as novas modalidades que a vida nacional imprimiu à orientação administrativa. E conhecendo a que foi esta terra na antiguidade que podemos seguir a sua evolução, se bem que, como vila turística e moderna, Figueiró tenha nascido há escassos anos.

A margem do turismo

Ao contrário do que a situação anormal fazia esperar, encontram-se entre nós a passar a época calmosa numerosas famílias.

Dum modo geral, todos se mostram encantados com as nossas paisagens, os recantos verdes onde podem descansar das fadigas profissionais ou desintoxicar o corpo e o espírito fartos de vida citadina, a excelência do clima e das águas. Mais o estariam, porém, se ao lado das possibilidades turísticas naturais, pudessem contar com alojamentos num bom hotel ou pousada, condignos do aspecto francamente progressivo de Figueiró dos Vinhos.

O turismo é de facto um problema complexo, e não basta a apresentação catalogada dum quantos vistos panorâmicos e de aprazíveis recantos nos pinhais para o definir e resolver. É preciso mais: uma certa dose de conforto que o turista moderno não dispensa.

Mudança de hora

Em obediência aos princípios que estabeleceram a hora legal, hoje às 24 horas os relógios têm um atraso de 60 minutos.

Borracha e algodão angolanos

Atendendo ao elevado preço porque está sendo adquirida a borracha, nos mercados internacionais, as autoridades administrativas de algumas regiões de Angola vão promover de novo a exploração daquela planta.

É uma medida que importa pôr em relêvo, porque se tornará de futuro numa das maiores riquezas da província angolana.

Quanto à colheita de algodão, a respectiva campanha promete ser das melhores dos últimos anos.

O Governo de Angola publicou já a lista dos mercados, 152, a funcionar nas províncias de Luanda, Malange, Benguela, Bié e Huila, pois a área da cultura algodoeira abrange mais de 50.000 hectares de terreno cultivado por indígenas.

1. Contrariamente à metafísica, o método dialético consid'ra em primeiro lugar que nenhum fenómeno pode ser compreendido se o encarrarmos isoladamente, sem o relacionarmos com os fenómenos circundantes; interpreta todos os fenómenos do ponto de vista das relações e do seu condicionamento reciprocos.

2. Em segundo lugar, considera a natureza e a sociedade «ão como um estado de repouso e de imobilidade, de estagnação e de imutabilidade, mas como um estado de movimento e de mutação permanentes, de renovação e de desenvolvimento incessantes, onde sempre qualquer coisa nasce e se desenvolve, onde sempre qualquer coisa se desagrega e desaparece.»

A matéria é inseparável do movimento; o movimento é a maneira de ser da matéria.

O próprio pensamento humano não é senão o produto da matéria superiormente organizada.

3. Em terceiro lugar, a dialética considera o processo do desenvolvimento, não como um simples processo de crescimento, em que as mutações quantitativas não atingem mutações qualitativas, mas como um desenvolvimento que passa das mutações quantitativas insignificantes e latentes para mutações visíveis e radicais, para mutações qualitativas; em que as mutações qualitativas são, não graduais, mas rápidas, súbitas e se operam por saltos dum estado para outro; estas mutações não são contingentes, mas necessárias; são o resultado da acumulação de mutações quantitativas insensíveis e graduais.

É por exemplo o caso da água aquecida ou esfriada, para a qual o ponto de ebulição e o ponto de congelação são os vínculos onde se dá, à pressão normal, o salto para um novo estado de agregação; onde por consequência a quantidade se transforma em qualidade.

4. Enfim a dialética parte do ponto de vista de que os objectos e os fenómenos da natureza implicam contradições internas, porque têm todos um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro, todos possuem elementos que desaparecem ou se desenvolvem; a luta destes contrários, a luta entre o antigo e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que enfenece e o que se desenvolve, é o conteúdo interno no processo de desenvolvimento, da conversão das mutações quantitativas em mutações qualitativas.

É por isso que o método dialético considera que o processo de desenvolvimento do inferior para o superior se não effectua no plano duma evolução harmoniosa dos fenómenos, mas naquele que mostra as contradições inerentes aos objectos, aos fenómenos, no plano duma «luta» de tendências contrárias que actua com base nestas contradições.

G. C.

SE o homem depende da natureza, dêle depende também a natureza. Ela o faz; êle a refaz. Sem cessar o homem modela de nova a sua antiga criadora e dá-lhe um aspecto que antes dêle ella não tinha. — Anatole France.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

A DOENÇA DOS PINHEIROS

Tem-se notado ultimamente que uma doença estranha ataca os pinheiros, diminuindo lhes as propriedades resinosas e acabando por os secar por completo. Os danos dos pinheiros e industriais resineros da região andam justificadamente amedrontados com o facto, pois a doença tem se propagado sensivelmente, com grave prejuizo para a industria dos resinosos e, por consequencia, para a economia nacional.

Para se evitar o mal, é necessario seguir a risca as instruções emanadas da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, que a seguir transcrevemos:

«Satisfazendo os pedidos de assistência técnica que lhe foram feitas pelas Câmaras Municipais e grêmios de lavoura de alguns pontos das Beiras Litoral e Alta, a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas incumbiu o eng. silvicultor, encarregado da Secção Entomologica do Laboratório de Biologia Florestal, de estudar a «doença dos pinheiros», a que os mesmos faziam referencia.

Depois da visita a esses locais chegou-se à conclusão de que se tratava de um forte ataque, por núcleos dispersos, do Bostricos (*Ips sexdentatus* Boern, *Bostrichus stenographus* Duft.), que já no ano passado se começou a esboçar, tendo origem nas madeiras não descascadas e abandonadas pelos pinhais depois do ciclone de 15 de Fevereiro de 1941.

A não se atalhar o mais depressa possível — assegura-se — o aumento progressivo do ataque da praga, bem como o de outras que se lhe seguem normalmente, deteriorando a madeira, o mal virá a tomar proporções calamitosas. É indispensável, por isso, que todos cumpram as seguintes instruções:

1) *Descascar todos os troncos e cepos das árvores derrubadas e expor ao Sol, tanto quanto possível, as cascas e os lenhos* 2) *Derrubar as árvores secas, descascar, queimar a casca e chamuscar o tronco, e sempre que seja possível aproveitar a acção directa do sol; e 3) Deitar abaixo as árvores com sinais evidentes de estarem a secar e, bem assim, aquelas que, embora com aparência de sãs, apresentem a carasca com orificios, rodeados ou não de resina, donde sai uma serradura castanha, que por vezes se deposita em volta da base do tronco. Todas estas árvores devem ser descascadas, as cascas queimadas e os troncos chamuscados. É conveniente também aproveitar a acção directa do sol.*

A citada Direcção Geral insiste na vantagem de todos porem em prática as normas indicadas, para seu bem e para o bem geral, e lembra que, pelo decreto n.º 11.161, de 19 de Outubro de 1925, os serviços officiais tem a faculdade de realizar o tratamento onde elle não tivesse sido feito, ficando a cargo do proprietário as despesas.

Este deve pagar a respectiva importância no prazo de 10 dias, ao fim dos quais se procederá a cobrança coerciva. Não se consentirá que, por desleixo ou incuria fique algum foco de infecção, que criminosamente prejudicaria a efficacia das medidas indicadas.

Exames do 1.º grau

Escola mixta de Ponte de S. Simão — Juvenal da Conceição Simões, aprovada.

Escola mixta de Moninhos Fundeiros — Abílio da Luz Marques, Abílio Maria da Silva, José da Conceição Mendes, Joaquim da Conceição Silveira, Angalina da Conceição Silva, Benvinda Rosa Lopes Bértolo e Maria Rosa da Piedade Costa, aprovados.

Escola mixta da Lomba da Casa — Albertino de Assunção José, Ercília da Silva Mota, Lídia Godinho de Sá, Mariles de Jesus Simões, António da Conceição da Silva, António da Silva Saraiva, Fernando Francisco da Silva e Vital José da Silva, aprovados.

Escola mixta de Aguda — António Carvalho de Abreu, Augusto Lopes Fidalgo, Manuel Simões Telhada Rijo e Ricardo da Conceição Lopes, aprovados.

Posto Escolar de Ribeira do Braz — Francisco Marques, José da Conceição Gomes, José Joaquim Henriques, José Morais Antunes, Manuel de Freitas Gomes e Manuel Gomes, aprovados.

Escola mixta da Jarda — José da Conceição Dias, José da Conceição Fernandes, Alice da Conceição Alves, D. Clinda da Conceição Dias, Graçinda da Assunção Martins, Inez Coelho e Maria Inez Nunes Fernandes, aprovadas.

Escola feminina de Arega — Alice Borges Teixeira, Alice Dias da Conceição Maria de Lourdes dos Santos Lopes e Zulmira Gomes da Cruz, aprovadas.

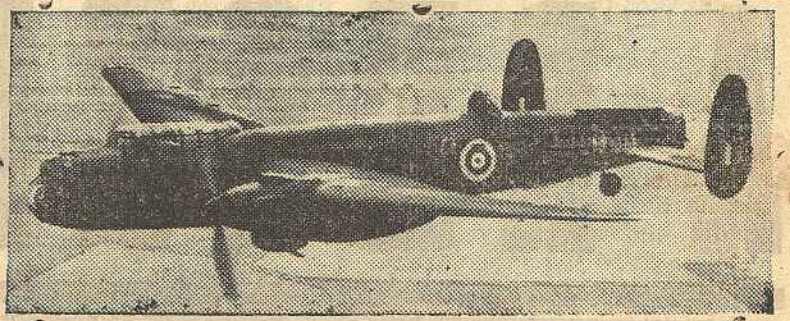
Escola masculina de Arega — António Fernandes Simões, Evangelista Nunes da Graça, Fernando Almeida Borges, José Borges de Almeida e José Henriques Corête, aprovados.

Escola mixta de Alge — Maria Aldina Henriques dos Santos, aprovada.

Escola mixta de Fontão Fundeiro — Armindo da Silva Pereira, Celeste dos Santos Quintas e Lucilla de Jesus Lucas, aprovadas.

Escola mixta de Vilas de Pedro — Cesaltina da Silva Martins, Maria Amélia Henrique Dias, Amândio de Jesus Agria e José da Silva Barata Salgueiro, aprovados.

Escola feminina de Campelo — Mário Francisco Antunes,



O bombardeiro inglês «Manchester» um dos maiores e mais poderosos do mundo.

Belandina da Conceição Simões, Maria da Conceição Arinto, Arminda Maria de Sousa, Maria do Carmo Silva e Maria da Conceição Simões, aprovadas.

Escola masculina de Campelo — José Francisco dos Santos, José Maria Fernandes, Vitorino de Assunção Simões e Amaro Luiz Rodrigues, aprovados.

Escola mixta do Bairrão — Acácio Mendes dos Santos, Edmundo dos Santos Lopes, Francisco Antunes dos Santos e Manuel de Jesus Mendes, aprovados.

Posto de ensino do Carapinhão — Belmiro de Jesus Costa, Ermindo dos Santos, Fernando Dias Braz, Joaquim das Dôres Costa e João Pais da Silva, aprovados.

Escola mixta das Bairradas — Joaquim Pimenta Lopes, aprovado.

Escola mixta de Aldeia de Ana de Aviz — Carmen Godinho Paquete e Fernando de Jesus Henriques, aprovados.

Ensino doméstico — Sebastião da Silva Dias, José Maria Antunes Caetano e José da Conceição Soares, aprovados.

Curso Nocturno da Casa do Povo — Alfredo dos Santos Dias, João dos Santos e Manuel Valeiras Portela, aprovados.

Escola Feminina de Figueiró dos Vinhos — Arminda da Silva, Arminda da Conceição dos Remédios Gama, Beatriz da Conceição Santos, Belmira de Almeida d'Oliveira, Belmira Dias Costa, Belmira Dias Cortez, Julieta Martins da Silva, Lucilla da Conceição Lopes, Maria Adília Costa Quaresma Herdade, Maria Amélia Mendes d'Abreu, Maria Celeste de Oliveira Portela, Maria Emília Cotim Gaspar, Maria Irene da

Conceição Camoegas, Maria de Lourdes da Conceição Coelho, Maria de Lourdes Simões, Maria Manuela da Conceição Q. Oliveira e Narcisca do Carmo Rodrigues, aprovadas.

Escola Masculina de Figueiró dos Vinhos — Adolfo Jesus Portela Anibal Pereira da Costa, Antero da Conceição Barreiros, António do Carmo David Rei, António da Costa Lopes, António da Silva Granada, Augusto Lopes Silveira, Carlos Manuel dos Santos e Domingos da Conceição Francisco, Henrique da Conceição Pereira Pinto, João Portela Bruno, Jorge Manuel da Conceição Silva, Jerónimo da Conceição Oliveira, José Coelho Antunes, José das Dôres Simões de Almeida, José da Graça, José Mendes Lima-Juvenal da Conceição Carvalho, Manuel Lucinda dos Santos, Manuel Mendes d'Oliveira, Manuel Simões de Almeida Rijo, Ramiro da Conceição Antunes, Saul da Conceição Silva, Victor da Silva, aprovados.

Aos alunos, seus pais e professores os nossos parabens. No próximo número daremos o resultado dos exames do 2.º grau.

Nota officiosa

Determinação geral

«Tendo surgido duvidas na interpretação das disposições do artigo 1.º e seu § 3.º do decreto n.º 22 449, de 25 de Março de 1933, conjugadas com as disposições do do artigo 21.º do decreto n.º 21699 de 19 de Setembro de 1932, no que respeita ao pagamento das cotizações para o Fundo do Desemprego nas obras comparticipadas esclarece-se que, por despachos de (Continua na página seguinte)

CURIOSIDADES

Explicação oportuna — Os diários portugueses de 29 de Julho publicaram a seguinte mensagem enviada de Londres pela Exchange Telegraph, em data de 28: O importante jornal da tarde «Evening Standard» publica uma informação especial quanto às razões da escassez de gasolina e petróleo em Portugal, que a propaganda inimiga, sem qualquer fundamento, atribue ao sistema britânico de «navicerts».

O autor da informação revela que foi informado por uma personalidade categorizada official da Grã-Bretanha que os «navicerts» nada tinham que ver com o caso das importações de gasolina para Portugal. A verdade é que o Governo britânico deseja fornecer todos os «navicerts» para o abastecimento de Portugal em gasolina e petróleo, mas não pode dispensar navios-cisternas para o transporte. Assim, Portugal não pode «navicerts» para gasolina e petróleo, visto não possuir navios tanques próprios e antigamente dispõe de outros alugados a diferentes nações que hoje carecem deles. Este facto

é perfeitamente conhecido nos círculos marítimos de Portugal.

Termos técnicos — **Cruzadores pesados** — Os construtores navais de todos os países esforçam-se por adaptar os tipos dos seus navios às exigências da situação estratégica dos seus países e às experiências feitas na própria marinha ou marinhas alheias. Quando na grande guerra, o veloz cruzador auxiliar alemão começou a dar que fazer, os britânicos iniciaram a construção dum tipo de cruzador pesado e rápido, suficientemente armado para protector das rotas comerciais e «caçador» do cruzador alemão. Foi, pois, nos últimos anos da guerra passada que se desenvolveu o cruzador pesado mas, na verdade, embora útil, ele não está representado em larga escala nas marinhas de guerra dos diferentes países. No começo da guerra actual, os ingleses tinham 15 ao serviço; os E. U. dispunham de mais de 18, a Itália 7 e o Japão 12, além de cinco em defesa costeira. A Alemanha tinha 2 e mais

5 em defesa costeira. Havia, pois, 33 navios do lado anglo-norte-americano, contra 29 do «Eixo». Quasi todos cruzadores pesados têm uma blindagem com a espessura de, pelo menos, 76 milímetros na linha de água, blindagem que nos cruzadores norte americanos chega até 127 milímetros. A sua classificação de «pesados» é feita de acordo com as Convenções Internacionais de Washington e Londres de 1929 e 1930, segundo o seu artilhamento cujo calibre ostenta entre 15,5 e 20,3 milímetros, com o deslocamento máximo de 10.000 toneladas. A U. S. adoptou aquele calibre máximo; os ingleses o deslocamento entre 8.250 e 10.000, os japoneses fixaram-se no mínimo de 7.100 toneladas e os E. U. optaram por entre 9.050 e 10.000. A Alemanha e a Itália só construíram navios deste tipo com 10.000.

A velocidade dos cruzadores pesados oscila entre 31 e 39 milhas horárias, sabendo as construções navais italiana a velocidade máxima. O raio de acção dos navios japoneses e norte-americanos é elevado, atingindo 14.000 milhas. Têm 8 a 10 bocas de fogo com o pesado calibre de 20,3 cm. Pelo seu potencial de fogo e velocidade,

os cruzadores pesados são o apoio das forças navais ligeiras. Os cruzadores pesados alemães têm 6 a 8 canhões, poderosa artilharia anti-aérea e foram na luta da Noruega os navios chefes das formações ligeiras.

O Valor da Aviação — A artilharia anti-aérea, as tropas de informação aérea, os batalhões paraquedistas, tropas de desembarque, só são possíveis dar «bons resultados» no desempenho a que são obrigados, quando a sua colaboração é harmónica e a acção modular de todos os seus grupos e formações. A meticulosa organização da Aviação Alemã — dentro de todos os seus sectores — tem dado, nesta Guerra, exemplos magníficos, criando condições de supremacia em vários teatros da Guerra. Deve dizer-se que as vitórias da aviação alemã representam o bom material dos «Stukas», seus caças e aviões destruidores aliada à pericia dos seus pilotos. A destruição pelo canoneamento de bombas torceu-se um meio de combate decisivo. Os aviões de combate levam a luta contra objectivos terrestres; a sua missão é atacar a bomba ou com armas de bordo esses objectivos. Os aviões de combate mais destrui-

dores são: o «Heinkel 111», o «Junker 88» e o «Condor» o qual é empregado como avião de reconhecimento a grande distancia. A distinção fundamental que há anos ainda se fazia entre aviões de combate e avião em vôo picado, encontra-se hoje bastante esbatida. O admirável «Ju 87 em tempos o único «Stuk», tem agora outros como «Ju 88» e «Do 217» que têm sido empregados com êxito. Entre os aviões de combate conta-se, evidentemente, os aviões-torpedeiros. Os adversários mais perigosos de aviões de combate são o avião de caça e avião-destruidor, que travam combate de aparelho para aparelho e constituem a principal arma de defesa no ar. A missão dos «caças bombardeiros», dos «aviões-destruidores», e dos «aviões de batalhas» consiste principalmente na luta contra objectivos terrestres, tais como colunas em marcha, infantaria em avanço, posições de campanha etc. A parte a citada triplica missão da arma aérea, as «formações de transporte» merecem ser mencionadas pelos importantes serviços prestados no Leste da Europa e no Norte de Africa nos velhos mas sólidos «Junkers 52» e nos «Keinkel 111». (J. L.)

O que são as "escolas novas,?"

(Continuação a 4.ª página)

há muito século para cá, veio revelar coisas muito interessantes aos novos educadores. E assim se diz que a arte de educar se inspira hoje no conhecimento científico da criança.

A escola moderna já não ensina para que a criança aprenda, por jeito ou por força; toma em linha de conta o maquinismo da mentalidade infantil. Tira todo o proveito possível das riquezas deste maquinismo e satisfaz ao mesmo tempo os entusiasmos, as simpatias e os verdadeiros gostos infantis.

Uma boa escola do nosso tempo, servindo-se do que a psicologia lhe vai a cada passo revelando e dos muitos meios práticos de ensinar bem, com fácil proveito, já conhecidos, não é senão um lugar de facilidade, um lugar onde a criança se sente à vontade. Nada lá a desanima nem a tortura, tudo lhe solicita a actividade e o interesse.

A primeira escola nova, com direito a este título, de que houve conhecimento, foi criada por um inglês, Cecil Reddie, em Abotsholme (Inglaterra), no ano de 1889. Dizia elle, apresentando a sua escola:

"A educação contemporânea não corresponde às condições da vida moderna, forma homens para o passado e não para o presente. O nosso desejo é obter um desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades humanas.

"Para atingir este fim, a escola não pode ser um meio artificial, conhecendo a vida apenas por meio dos livros. A escola deve ser uma parte verdadeira do mundo, em que a criança se possa descobrir a si própria. Ao sair da escola antiga, o jovem entra num mundo que lhe é estranho e difficilmente consegue desenvolver nelle forças que ainda não exercitou. O homem não é só inteligência; ao seu intellecto está ligado um corpo. Por isso, nos propomos desenvolver aqui a força física, a habilidade manual, a vontade e a energia infantil".

Em 1898, foi um alemão, Hermann Lietz, que abriu, apenas com cinco alunos, a sua primeira colónia infantil, no campo. Eram suas estas palavras revolucionárias e animadoras:

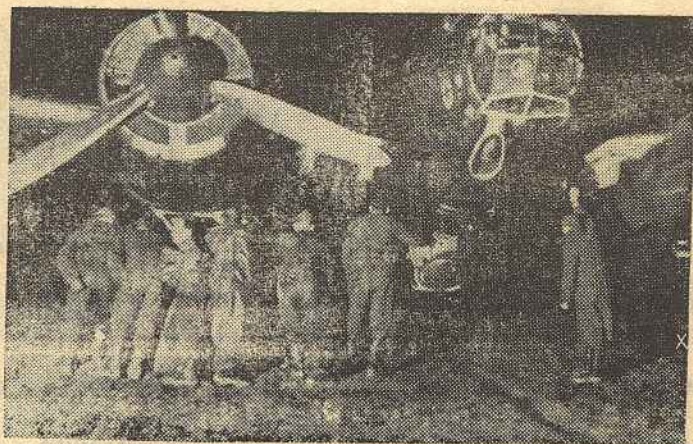
"Retirem-se as crianças do meio deletério das cidades, dos liceus-casernas, dessa atmosfera escolástica e medieval que as sufoca! O ar, a liberdade, uma instrução mais dirigida à razão do que à memória, uma educação que forme o character, que confira independência e prepare vidas com iniciativa—eis os verdadeiros fins da educação".

(Do livro *Modernas tendências da Educação*. Cosmos, Lisboa, 1942, 4\$00. Selecção de Maria Lucília Serra)

Vendados bens de Francisco Silveiro e mulher Agua d'Alta

Por intermedio do Juiz desta comarca, vende-os o solicitador signatário, que desde já recebe propostas. Figueiró dos Vinhos, 4 de Agosto de 1942.

Augusto de Araújo Lacerda



Um grande bombardeiro alemão prestes a levantar voo.

Nota officiosa

(Continuação da 2.ª página)

Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas e Comunicações de 16 de Maio e de 17 de Junho de 1942, só há lugar a restrições nos seguintes casos:

1) Obras do estado e dos corpos administrativos:

a) Quando realizadas em regime de administração directa, estão sujeitas apenas à cotização do pessoal—2 por cento;

b) Quando realizadas em regime de empreitada ou tarefa, podem também ficar isentas da contribuição patronal (1 por cento), nos termos do § 2.º do artigo 22.º do decreto 21699, mas somente a partir da data em que os interessados o requeiram.

2) As entidades participantes são responsáveis pela liquidação do imposto correspondente ao valor de mão de obra orçamentada deduzido de 21 por cento, que se atribui ao lucro, depreciação de ferramentas e seguro do pessoal. O pagamento deve ser efectuado de 1 a 10 de cada mês, nos termos do artigo 29º do decreto n.º 21699, de 19 de Setembro de 1932.

3) Todas as obras participadas, até que se verifique em qual das alíneas do n.º 1.º se encontram compreendidas, se consideram sujeitas à cotização total (1 mais 2 por cento), nas condições a que se refere o número anterior. Quando houver lugar a alteração do orçamento, a importância do imposto será rectificada em conformidade.

4) O último auto de medição de trabalhos não será liquidado enquanto não estiver integralmente pago o imposto para o Fundo do Desemprego.

5) Fica revogada a interpretação publicada na Ordem de Serviço n.º 43, de 21 de Fevereiro de 1941.

A Bem da Nação
Leiria Delegação do Commissariado do Desemprego, em 6 de Agosto de 1942

O Delegado,
A. Igrejas Bastos

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clinica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral

— Consultório e residência: —

Figueiró dos Vinhos

Fôrça motriz para a agricultura e para as indústrias

Temos quedas de água suficientes para produzirem toda a energia eléctrica consumível actualmente e, em tempos futuros, quando as indústrias se desenvolvessem, o bastante para produzirem grande parte do muito que se importa e que elas poderiam fornecer, assim como para electrificar muitos trabalhos agrícolas hoje efectuados pouco economicamente, com o trabalho do homem.

Das quedas de água existentes, poucas ou nenhuma estão em plena laboração, dando tudo quanto poderiam dar; outros têm a sua exploração concedida, mas não são exploradas, como as do Zêzere, concedidas há mais de seis anos, às Companhias Unidas Gás e Electricidade, de Lisboa, e que não são exploradas por motivos intuitivos, de inútil referência, por bem compreensíveis sem qualquer explicação; outras, finalmente, nem concedida tem a sua exploração. Todavia, se todas elas fôsem devidamente exploradas, como o deveriam ser, desse facto resultaria deixarem de se importar, anualmente, mais de 600.000 toneladas de carvão Cardiff, que importam, ao preço actual, nuns 180.000 contos.

Acresce ainda, para agravar o mal, que os preços pelos quais as empresas concessionárias das quedas de água fornecem a energia são exorbitantes e injustificáveis, do que resulta ela não poder ser utilizada tão largamente como é necessário que o seja, pois elles são quasi proibitivos para os trabalhos agrícolas em que o seu emprego é possível e recomendável.

E' mais racional explorar intensivamente todas as quedas de água existentes, a intensificar a extracção do carvão das minas que possuímos, porque estas não são inesgotáveis, ao passo que a fonte de energia constituída pelas quedas de água se renova, naturalmente, todos os anos, podendo considerar-se inesgotável.

Jaime Rebêllo Hespanha
Major do S. A. M.
(Extraído da *Gazeta das Aldeias* de 15 de Julho de 1941).

COMPRA-SE

Uma bomba manual para tirar água.
Quem pretender virija-se a esta Redacção. 3-2

Moradia

Com quintal e várias dependências, tendo água própria e muitas árvores de fruto e outras, vende-se no centro de Cabaços. Informa: José Antunes, Cabaços.

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobiliás, porcelanas, juanças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

Telefone 46873

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhoa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.da» e do cimento «Tejo», Lijas sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gê-roc, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pera

EM PEDRÓGÃO GRANDE:
todas as segundas-feiras

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite
Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tunggram

24-4

Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Jlisses António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento
Agente-depositário de:
Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE FAVEIRO
Cal hidráulica MACIEIRA 24-23

Os melhores preços -

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos
Café Central

Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filliais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Boletim Bibliográfico

Pão e Amor, romance por *Knut Hamsun*, colecção *Romancistas do Prémio Nobel*. Editado pela *Parceria António Maria Pereira*, Rua Augusta, 44 a 51, Lisboa, 1942 2.ª edição.

"A longa, interminável vereda que vai cortando pantanos e florestas, quem a rasgou? O homem, o ser humano", - eis as palavras com que *Knut Hamsun* inicia **Pão e Amor**, sem dúvida um livro de temas fortes, simultaneamente locais e universais, mas duma universalidade que não exclui a estranheza de costumes e temperamentos diferentes dos nossos e a mágica com que vemos surgir pouco a pouco um ambiente novo, costumes em desacórdio com a nossa maneira de sentir, uma vida fluente que se eleva aos poucos desde a rudeza inicial do primeiro contacto com a terra longínqua até à satisfação de ter vergado esta mesma terra.

A vereda longa abriu-se pouco a pouco pelas passadas isoladas dum ou doutro vagabundo em busca de novos horizontes. Em volta, a solidão dos lugares em que nada revela a presença do homem. Um caminhante, mais decidido e animoso, chega e fixa-se, - e a epopeia começa.

Porque, com **Pão e Amor**, *Hamsun* apresenta-nos efectivamente a epopeia do trabalhador incansável, desvirginador de desertos e baldios, vivendo por si, pelos seus e, sobretudo, pela terra. Se não receássemos cair no preciosismo, diríamos mesmo que os protagonistas não são *Isak e Snger*, mas sim a Terra, o "*Almenning*, vasto território que não pertencia a ninguém, o país sem dono." E sobre o interesse desta agita-se a psicologia rica e variada dos seres que, pouco a pouco, chegam e se fixam, constituindo família e originando novas necessidades. Mas não toda a espécie de terra: só a que se presta a ser cultivada, apenas a que o homem pode desbravar pelo trabalho agrícola.

O tão falado encanto das obras de *Hamsun*, com que apenas tínhamos tomado um mero contacto com a leitura do romance *Sonhadores*, encontra-se plenamente justificado ao averçarmos pouco a pouco na

leitura de **Pão e Amor**. E' uma espécie de sortilégio literário indefinível, presente do princípio do fim, mantendo-se sempre ao mesmo nível.

A tradução é de *Cécar de Frias*, assistido por *Sigrid Amudsen*. No prefácio, o tradutor dá-nos um esboço bio-bibliográfico do autor e algumas notas sobre o significado do Prémio Nobel.

A Batalha do Atlântico, estudo estratégico pelo comandante *Sarmiento Rodrigues*. Parceria A. M. Pereira, Lisboa - 1942.

Continuando no seu plano de elucidação sobre os vários assuntos ligados à génese e ao decurso da guerra mundial, a *Parceria A. M. Pereira* acaba de editar **A Batalha do Atlântico**, da autoria do comandante *Sarmiento Rodrigues*.

Reportando-se à evolução histórica das guerras e à actual situação internacional, o A. chega à conclusão de que ganhará a guerra quem vencer a batalha do Atlântico, cuja importância é vital para a economia e a marcha de guerra da Inglaterra.

Deixamos aos nossos leitores a iniciativa das conclusões, tanto mais que nem todos entendem os acontecimentos do mesmo modo. Apenas nos referimos à competência do sr. capitão-tenente *Mannel Maria Sarmiento Rodrigues*, comandante do contra-torpedeiro "*Lima*"; *the right man in the right place*. Numerosas gravuras ilustram o texto.

João Tendeiro

Imprensa

Vida Mundial, documentário semanal da Imprensa, n.ºs 169 e 170. Principais artigos do n.º 170: *Será o general Eisenhower o futuro comandante do exército de invasão? Irá o Japão atacar os Estados Unidos? Uma revolução silenciosa na Grã-Bretanha, Stafford Cripps o homem do futuro, Espionagem e contra-espionagem, A transformação política que se está dando na Inglaterra.*

Cabaz de cantigas

Não contes a tua vida
A's ondas mesmo em seg'êdo,
Porque a espuma intrometida
Vai dizer tudo ao rochedo.

A paixão da v'vinha
Já tem nada de novo.
E' terra que já foi vinha
E galinha que deu ovo.

Quem me dera ser espelho
Do teu quarto de vestir,
P'ra te mostrar os defeitos
Com que me quer's iludir.

Os beijos da viúva
Têm um gosto repassado;
Recordam gótas de chuva
A cairem no molhado.

Se por cada vez que mentes
Te nascesse uma ondinha,
Poupavas as «permanentes»,
E terias carapinha!...

Se os teus beijos fôsem pagos
Cada mil por um rial,
Terias bem mais dinheiro
Que o Banco de Portugal!

Quem na vaidade procura
Os degraus para subir,
De aventura em aventura,
Pode adoidar e cair.

Encerrar no coração
Um amor que não se evolue
E' como fechar na mão
Um cu mais raios de sol.

Cascais, 1942

Francisco Pires

Escola Secundária

Previnem-se os alunos do sexo masculino e feminino deste estabelecimento de ensino, que, para conclusão de ciclo, tenham de repetir o exame em exame de uma disciplina em Outubro, de que devem comparecer nesta Escola no dia 8 do próximo mês de Setembro, das 8 às 12 horas, a fim de preencherem o respectivo boletim, devendo os alunos do 1.º ciclo trazer um selo de 20\$00 e 53\$00 em dinheiro, os do 2.º ciclo um selo de 20\$00 e 61\$00 em dinheiro.

As provas de trabalhos manuais realizam-se no dia 29 de Setembro, às 9 horas e às 14, respectivamente para o 1.º e 2.º turno.

Como o dia 29 é uma terça-feira, necessário se torna que os alunos e alunas estejam previamente preparados para seguirem na camioneta de 2.ª feira, dia 28 de Setembro.

As provas escritas de Ciências Geográficas-Naturais, bem como as de Álgebra e Trigonometria, comçam no dia 30 de Setembro; as de Dezembro no dia 1 de Outubro.

Os alunos e alunas que pretendam matricular-se nesta Escola no 1.º ano dos Liceus e os que pretendam matricular-se em qualquer outro ano, pela 1.ª vez, devem fazê-lo desde o dia 11 ao 25 de Setembro.

As aulas desta Escola reabrem no dia 7 do próximo mês de Outubro, às 8 horas em ponto.

Figueiró dos Vinhos, 1 de Agosto de 1942.

O Director da Escola Secundária da Câmara Municipal

Sérgio dos Reis

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

António Felício

O que são as "escolas novas,?"

por Irene Lisboa

Escolas novas... Eis aqui um título que não é suficientemente claro para um desconhecedor da linguagem pedagógica.

¿Que é uma escola nova? E' uma escola diferente das tradicionais, das velhas, por onde de todos nós passámos.

Mas ¿que é que a caracteriza? ¿Será porventura a beleza da sua construção, a sua mobília ou os seus pátios? ¿Chamar-se-lhe á nova por ser recente e agradável á vista, por ser elegante e higiénica?

Estas perguntas podem ser distractivas, feitas para passar o tempo... e não o são. E' que eu lembro-me do meu tempo de *normalista* e dos sonhos que então fazia de uma escola... de uma escola nova! Uma escola elegante, de bonita construção, onde tudo fôsse correcto. Ai é que eu, em espírito, colocava os meus futuros alunos. Via-me com êles dentro de um quadro formoso, e pensava que só assim se educaria bem. Sobre métodos não possuía ideias claras, nem ninguém mas inculcava, canalizaria talvez por isso os meus sonhos para as exterioridades escolares! E razão tinha de pensar nas belezas da minha escola imaginada. ¿Eram tão feias e tão pobres as que eu já conhecia? ¿Como não contrapor-se outras, de melhor aspecto, embora fantásticas?

A imagem que eu também conservava da escolita da mãe de uma amiga minha, em que as crianças eram quasi todas doentes dos olhos e levavam o seu tempo a lambar as pedras e a escrever depois nelas ¿Não me faria igualmente ao aspirar ao belo e desprezar o miserável?

Este não era, ainda assim, o espírito que animava exclusivamente as *escolas novas*, já existentes nalguns países, não era apenas um sentido de bem-estar e de graça; elas pretendiam revolucionar intimamente a educação e servir-se para isso de todos os meios que se lhes ofereciam.

Um pai ou uma mãe que passasse em frente de alguma escola apalaçada, como já havia e depois se multiplicaram, escusava bem de a invejar para os seus filhos, se em qualquer outro lugar pudesse encontrar uma modesta e verdadeira *escola nova*... Mas destas, e da novidade que representavam, ainda se falava muito pouco. Nem os pais nem os próprios profissionais de ensino eram agitados pela sua pro-

paganda. Independentemente disso, os criadores de tais escolas não tinham uma visão rigorosa e completa da obra que traziam entre mãos, reformavam-na até à medida que lhe iam dando corpo... Uma *escola nova* era sempre uma experiência.

E' certo que, apesar disto alguns dos seus modernismos iam penetrando sorrateiramente na velha escola: o desenho livre, as recordações, as excursões, o canto... Atacava-se já de muito modo, directa e indirectamente, o ensino papagueando e de cor. Mo entanto, a verdadeira *escola nova* ainda continuava ignorada de muitos. Apanhavam-se no ar alguns dos seus processos, mas mantinha-se por toda a parte o velho espírito educativo: "o professor manda, o aluno obedece."

A *escola sentada*, como depois se lhe chamou e ainda hoje infelizmente impera, das carteiras ou lugares fixos e do trabalho monótono, só muito dificilmente daria lugar à *escola de pé*, activa e movimentada. Tão difficilmente que esta ainda hoje é rara! E' a primeira e não a segunda que nós vamos encontrar por toda a parte... E nas escolas mais pobres, se se nos deparam leves bancos em vez de carteiras, não deixa a imobilidade das crianças de ser forçada também!

Os hábitos uma vez adquiridos, não se renegam nem se abandonam facilmente. Tornam-se tradicionais. Será por isso que se constroem belas escolas e se mantem nelas toda a aparelhagem do velho ensino. Cada professor continua fechado na sua classe a fazer nela o que antes fazia, defendendo aparentemente o seu bom nome...

Ora, não foi assim que já mais se comportaram os reformadores da educação. O seu intento foi sempre de ensaiar trabalho novo. Já sabe que lhe procuravam fundamentos, mas o poder de crítica e o desejo de melhorar o ensino impulsionavam-nos, e não raro os premiaram.

Estes reformadores tinham geralmente em vista dois fins: educar a criança em função da sociedade, isto é, dos meios de vida comuns, e educá-la em função da sua organização própria, ou seja das suas qualidades e necessidades, em parte diferentes das do adulto.

A *psicologia*, que é ciência dos estados e variações do nosso espírito, adiantando-se e ocupando especialmente do da criança, de

(Continua na 3.ª página)

CASAMENTO

No templo da Rainha Santa Isabel, em Santa Clara, realizou-se no dia 14 o casamento da s.ª Dr.ª D. Maria Berta Correia de Frias, licenciada em Farmácia, com o sr. António de Andrade, Secretário de Finanças, residentes em Figueiró dos Vinhos.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seu pai sr. Alfredo Corrêa de Frias, e sua prima sr.ª D. Maria Lopes Serra; e, por parte do noivo, o seu pai sr. José Luiz Maria de Andrade e sua tia s.ª D. Maria da Conceição Andrade.

Foi celebrante o Rev.º Padre Sebastião Antunes Rodrigues, Ca-

pelão da Rainha Santa, que profereu uma brilhante prática alusiva ao acto que foi cheia de ensinamentos.

Terminada tão tocante cerimónia, os noivos foram fotografados nos Claustros do Convento da Rainha Santa, realizando-se, em seguida, no Hotel Internacional de Coimbra, propriedade do sr. José Maria Rodrigues Poças, um lauto almoço, que decorreu na maior intimidade, sendo trocados muitos brindes.

Aos noivos, que são dotados dos melhores predícos e que seguiram em viagem de núpcias para o Algarve, desejamos as maiores felicidades,